



O Telejornalismo no Brasil e no Reino Unido:

Uma Análise Histórica das premissas do Jornalismo da Globo e da BBC¹

Fernanda Mauricio da Silva²

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea – Universidade Federal da Bahia

Resumo

Propomos no presente artigo uma análise comparativa entre o jornalismo desempenhado pela Rede Globo e pela rede britânica British Broadcast Company, a BBC, consideradas uma referência de jornalismo em seus países de origem, a partir de uma relação histórica que essas emissoras estabeleceram com as premissas do jornalismo (serviço público, vigilância, “quarto poder”, objetividade, etc). Assim, faremos uma abordagem do modo como a BBC e a Globo se desenvolveram historicamente e os fatores sociais, tecnológicos, políticos e organizacionais que influenciaram a construção do modelo de jornalismo desempenhado nessas corporações.

Palavras-chave: telejornalismo; BBC; Rede Globo.

Introdução

O modelo de jornalismo que se consagrou como uma instituição social nasceu ainda no século XIX, nos Estados Unidos e Inglaterra (Chalaby, 2003), trazendo premissas que legitimaram o campo socialmente, tais como responsabilidade social, vigilância, “quarto poder”, objetividade, verdade, relevância, atualidade e interesse público.

Ao migrar para os diferentes veículos de comunicação – rádio, televisão, internet – o jornalismo carrega essas premissas que o constituem enquanto tal e que são reconhecidas socialmente como valores profissionais. Não é possível conceber algum tipo de jornalismo que não recorra a essas premissas independente do veículo onde ele é praticado. Entretanto, não é possível rechaçar completamente a influência que o suporte

¹ Trabalho apresentado ao NP Núcleo de Pesquisa de Jornalismo do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporânea na linha de pesquisa de Análise de Telejornais, mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea. Professora de Teorias do Jornalismo e Comunicação e esporte das faculdades Jorge Amado, Salvador-Ba.



oferece para a prática dessas premissas, conferindo maior ou menor relevo aos elementos. Deste modo, a premissa da atualidade está presente no jornalismo desde as versões impressas da *penny press*, quando o telégrafo era a tecnologia que melhor poderia dar rapidez à emissão das notícias, diminuindo a distância entre o tempo do acontecimento e o tempo de sua divulgação. Entretanto, na televisão ela ganha outra conotação: o suporte técnico para capturar os acontecimentos e transmiti-los ao vivo permite falar em instantaneidade e simultaneidade.

Além de uma alteração com relação ao suporte, as premissas do jornalismo também incorporam novos significados em função do contexto sócio-histórico. Sendo assim, a idéia de vigilância e “quarto poder”, por exemplo, que justificam a existência do jornalismo como instituição social, está originalmente atrelada a uma perspectiva de manutenção da democracia (dando voz ao povo e agindo como cão de guarda do poder político), mas ela denota sentidos diversos em função do contexto social, o que significa que a forma como o jornalismo lida com a idéia de vigilância no Brasil não se assemelha à relação estabelecida por essas partes (jornalismo e premissa da vigilância) em outros países. Deste modo, compreendemos que para uma análise de produtos jornalísticos (um jornal impresso, uma revista, um programa jornalístico televisivo, um *blog* informativo) é fundamental observarmos como esses produtos lidam com as premissas do jornalismo a fim de avaliarmos sua qualidade, sua ética ou mesmo o pacto estabelecido com os receptores.

Por isso, propomos, nesse artigo, uma análise comparativa entre o jornalismo desempenhado pela Rede Globo e pela rede britânica British Broadcast Company, a BBC, ambas consideradas uma referência de jornalismo e padrão para emissoras que surgiram posteriormente em seus países de origem. Procuramos abordar como essas duas emissoras lidam com as premissas do jornalismo a partir de sua história social. Assim, faremos uma abordagem do modo como a BBC e a Globo se desenvolveram historicamente e os fatores sociais, tecnológicos, políticos e organizacionais que influenciaram na construção do modelo de jornalismo desempenhado nessas corporações.

Inicialmente, um fator que se destaca para as emissoras é o fato de elas serem um serviço público, regulado pelo estado, prática que surgiu após a crise econômica pela

qual o mundo passou durante a década de vinte e que atingiu seu ponto máximo em 1929. Nesse momento, o estado, que até então estava alheio a qualquer tipo de controle e regulação do mercado, entrou como uma saída e uma forma de proteção dos bens públicos. No caso da radiodifusão, a regulação estatal ocorre porque ela usa um bem público: o espectro eletromagnético. No Reino Unido, o Estado não só concede o direito de exploração dessas ondas, mas também é o financiador das empresas difusoras. No caso do Brasil, o Estado distribuiu o direito de exploração do espectro para empresas privadas, o que marcou a televisão brasileira como comercial desde seu surgimento³.

Logo, a idéia de serviço público tornou-se algo incorporado pelos programas jornalísticos, que elaboravam seu conteúdo em função da idéia servir para o bem comum, ser um porta voz do interesse público. No livro institucional do *Jornal Nacional*, Armando Nogueira, ex-chefe de jornalismo do principal telejornal da emissora, afirmou: “a gente nunca podia perder de vista o fato de que a televisão era uma concessão de serviço público a título precário. A qualquer momento, podiam nos tirar. E isso era um elemento de pressão que eles [*os militares*] usavam muito em determinadas situações” (JORNAL NACIONAL, 2004, p. 81). Mas essa característica de serviço público levou a concepções do jornalismo diferenciadas no Brasil e no Reino Unido. O objetivo deste artigo é perceber essas diferenças do telejornalismo brasileiro em comparação com o britânico, a partir de uma perspectiva histórica: quais os fatores histórico-sociais que contribuíram para conformar o telejornalismo da Globo e da BBC? De que maneira essas emissoras estabeleceram premissas do jornalismo em função desses fatores?

BBC: sobriedade e jornalismo independente

Parte das características do jornalismo da BBC (British Broadcast Company) surgiram ainda no período do rádio e, quando a BBC se tornou uma emissora televisiva, já tinha o jornalismo consolidado como instituição social. Por ser um serviço público, toda a história da BBC se desenvolveu com base nessa concepção e isso significa agir em função de uma idéia de bem comum, interesse público e consenso. Entregue à direção de John Reith em sua fase inicial, a BBC (ainda radiofônica) distanciou-se dos representantes políticos, posicionando-se como uma voz “neutra” acima do

³ Apenas a TV Cultura é financiada com dinheiro público.



partidarismo, o que estabeleceu o primeiro parâmetro de uma premissa do jornalismo: a objetividade. Considerando que a objetividade surgiu, historicamente, no jornalismo (impresso) como uma represália ao jornalismo politicamente engajado e opinativo anterior ao século XIX, a BBC assumiu prontamente a postura de um distanciamento panfletário, assim como os jornais ingleses do século XIX. Mas, se naquele período a objetividade se manifestava como “a transmissão real dos fatos”, aqui a objetividade está mais ligada a uma voz neutra, apartidária, sem vinculação com o governo vigente.

O fato é que essa postura a-política da BBC lhe deu credibilidade para agir como “cão de guarda” dos interesses da sociedade: como os dirigentes da BBC não eram políticos e nem aliados a nenhum grupo partidário, a audiência encarava isso como um fator de confiança, o que lhe outorgava o papel social de exercer a função de vigilância. A questão da vigilância é uma das premissas que constituem o jornalismo como instituição social desde seu surgimento no na Inglaterra e Estados Unidos do século XIX.. Naquele momento, o jornalismo precisava assumir um lugar que legitimasse sua existência e a importância que os atores do campo queriam reivindicar. Assim, o jornalismo encontrou fundamento na teoria democrática, servindo tanto como um “cão de guarda”, um vigilante das ações do poder político dominante, a fim de garantir a liberdade de expressão, quanto sendo um espaço de debate dos assuntos e de visibilidade da esfera pública, permitindo que o povo tenha voz e possa cobrar das autoridades os seus direitos. É por isso também que o jornalismo é conhecido como um “quarto poder”.

Entretanto, essa premissa foi estremecida na cobertura da Greve Geral de 1926, quando a BBC concedeu mais visibilidade às vozes governantes, sendo representadas como a voz da ordem, enquanto os grevistas eram entrevistados nos ambientes conturbados das manifestações e por isso enquadrados como desordeiros. Tal postura foi interpretada pela audiência radiofônica como um alinhamento da emissora aos interesses governamentais e levou a uma crise no reconhecimento público da credibilidade da BBC para cobrir os assuntos nacionais. Como resposta e como tentativa de se firmar no cenário das comunicações, a BBC aprendeu a se censurar internamente a fim de evitar a influência da visão governista sobre os fatos. Isso se tornou uma norma, entrando para o código de ética da emissora, o que marcaria a perspectiva do jornalismo da BBC daí em diante, como foi na cobertura da II Guerra Mundial. Esse evento, pela proporção que adquiriu – internacional – e pela importância, permitiu que a BBC promovesse uma



coesão nacional e se tornasse o veículo mais acessado pela população para acompanhar os acontecimentos já que nesse caso não havia uma divisão interna do país – como foi no caso da greve -, era o Reino Unido contra o avanço e os ataques de Hitler e seus aliados. Esse sentimento de unidade nacional ficou expresso com a campanha feita pela emissora em 1941, quando convocou a população a colocar na porta de suas casas um “V” (de “vitória”).

Alguns desdobramentos foram importantes a partir da década de 40. A relevância do assunto levou a uma concepção de que as notícias deveriam ser transmitidas o mais rápido possível, configurando uma característica do jornalismo que se desenvolveria a partir dali: a instantaneidade. Foi nesse período que começaram a surgir programas exibidos de meia em meia hora que transmitia os últimos acontecimentos dos campos de batalha e das decisões do Primeiro Ministro Winston Churchill. Hoje, a BBC⁴ apresenta blocos informativos chamados *BBC News* com a mesma periodicidade dos programas radiofônicos da época da II Guerra, procurando manter o telespectador que acabou de ligar a televisão atualizado sobre os assuntos mais importantes que estão acontecendo no mundo. Cada bloco do *BBC News* inicia com um resumo feito pelo apresentador dos assuntos mais importantes que foram abordados no bloco anterior.

Outro desdobramento proveniente da cobertura da II Guerra é que o medo generalizado de um ataque aéreo por parte das Potências do Eixo levou o público a exigir explicações detalhadas sobre os assuntos. Assim, a audiência era mais exigente quanto à profundidade dos programas, o que tornou o público mais informado. Isso levou ao surgimento de novos formatos de programa, como os de debate no rádio, que levavam filósofos, jornalistas renomados do meio impresso como convidados para discutir e aprofundar os assuntos. Assim, a BBC cumpria com seu papel social de munir a população com informações importantes sobre as quais a audiência deveria formar opinião.

Ainda hoje se pode ver esse papel do jornalismo da BBC em documentários, como o *Little Europe*, que aborda as questões políticas e econômicas que envolvem a União

⁴ Vale ressaltar que nossa análise é da BBC Internacional, que chega ao Brasil pelos canais fechados. Não temos acesso à BBC transmitida no Reino Unido, mas acreditamos que as premissas do jornalismo são semelhantes.



Européia e a repercussão das decisões tomadas pelos líderes sobre a Europa. Outra forma de aprofundar a informação é por meio do *Hard Talk* (programa de entrevista dura em que um jornalista da emissora faz perguntas para um representante do cenário internacional, seja no âmbito da política, seja da economia, seja da cultura, desde que o personagem remeta a assuntos internacionais) que busca mostrar os convidados – normalmente fontes oficiais – de um modo diferente dos telejornais: ao invés de colocar apenas uma sonora para compor a notícia, o *Hard Talk* busca levar o convidado ao conflito e à contradição. Essa verdadeira devassa na vida pública do entrevistado constrói um efeito de verdade e de exercício da boa apuração. A verdade surgiu na BBC como valor também na cobertura da II Guerra, quando o jornalismo da emissora adotou a máxima de que a verdade da guerra deveria ser mostrada independente de quão terrível ela fosse.

O *Hard Talk* é um exemplo do esforço da emissora de ir à busca da verdade, investigando as informações que não são divulgadas normalmente pelos telejornais a fim de revelar “o que está por trás” de cada ato dos representantes entrevistados, que, como afirma a propaganda do programa, são “personalidades importantes” (*leading personalities*). Nesse caso, o jornalista tem um papel fundamental porque é ele que irá representar essa busca pela verdade.

Numa análise do desenvolvimento dos programas de debate na Suécia, Henrik Ornebring (2003) afirma que esse tipo de programa televisivo, após passar por uma fase inicial marcada pela cordialidade, e uma valorização dos convidados representados por uma elite intelectual que tinham a função de educar a audiência e, por isso, não entravam em conflito entre si, os programas de debate passaram, entre as décadas de sessenta e oitenta, por uma mudança de objetivo, o que levou a uma alteração dos papéis discursivos e da própria estrutura dos programas. Essa segunda fase dos programas de debate tinham como característica central a controvérsia, fruto das posturas radicais assumidas socialmente, desde as revoluções de 1968. Afastando-se da postura consensual do período anterior, esse novo momento tinha o confronto como elemento principal e por isso foi chamado pelo autor de debate crítico. Assim, os programas tinham o cuidado em convidar atores sociais que tinham opiniões diversas sobre os assuntos justamente para incentivar a discussão. O papel do jornalista que apresentava e mediava o debate também sofreu uma alteração: se na fase anterior, o



jornalista era apenas um organizador do debate, administrando os turnos de fala dos convidados, na fase do debate crítico, o jornalista tinha como função cobrar esclarecimentos das instâncias de poder para a audiência sobre os mais diversos assuntos: problemas políticos, econômicos e morais. Com isso, o jornalista assumiu a posição de especialista o que lhe conferiu credibilidade e autoridade para mediar o debate.

Apesar de estar caracterizando a postura do jornalista em programas de debate suecos, a descrição de Ornebring cobre muito bem a função do apresentador do *Hard Talk*. Cabe a ele confrontar o entrevistado até que ele revele suas verdadeiras intenções, levando o entrevistado a uma posição de desconforto e, muitas vezes, de irritação, que se pode ver nas pernas trêmulas, no gaguejar, na tentativa de subir o tom de voz, e no caso mais excêntrico de Imelda Marcos, esposa do ditador filipino Ferdinando Marcos, que abandonou o programa no meio da entrevista⁵. Nesse tipo de programa, o jornalista é a figura central, o que fica claro no volume do microfone (que fica um tom acima do do entrevistado), no enquadramento de câmera que sempre busca o apresentador quando ocorrem momentos de embate maior e nas constantes intervenções feitas pelo apresentador durante a fala do entrevistado. Essas intervenções são legítimas no contexto discursivo do programa que busca mostrar seu compromisso (compromisso esse encarnado no jornalista) de trazer os assuntos controversos à luz. Vale salientar a performance de Tim Sebastian, ex-apresentador oficial do *Hard Talk*, que exercia com primazia esse papel. Hoje, o programa faz um revezamento de apresentadores, mas as edições apresentadas por Steven Sackur trazem sua marca na vinheta, diferenciando-o dos demais. Apesar de não ser tão incisivo quanto Tim Sebastian, Sackur mantém a mesma linha dura de entrevista, munindo-se do máximo de informações possível para “encurrular” o entrevistado em busca da verdade: o apresentador conhece a fundo a história de vida do entrevistado, sabe suas falas já proferidas no passado e que possam revelar alguma atitude comprometedoras no presente, possui dados estatísticos que provem o contrário daquilo que o convidado está afirmando, e intervém com frequência na fala do entrevistado com perguntas num tom de contradição. Numa entrevista com representante da Federação Nacional dos Moradores de Favelas da Índia, Jockin

⁵ O *Hard Talk* é um programa gravado anteriormente à sua exibição. Nesse caso específico, a produção do programa poderia excluir esse acontecimento – já que ele é editado – mas optou por deixá-lo a fim de mostrar tanto a busca pela verdade, provocada pelas questões incisivas de Tim Sebastian, quanto o constrangimento da primeira-dama.



Arputham, Steven Sackur perguntou-lhe “para as pessoas que estão assistindo esse programa no mundo inteiro, saneamento e saúde estão chegando no local?”, “como podem 60% das pessoas que moram aqui [na favela] ainda não terem recebido benefícios [após tantos anos de investimento da Federação no local]?” Apesar da dureza, o *Hard Talk* é extremamente cordial, mantendo a sobriedade inglesa.

Após os acontecimentos da II Guerra, a BBC saiu com um jornalismo fortalecido e institucionalmente constituído. Com valores reconhecidos pela audiência, tais como serviço público, objetividade, vigilância, clareza, verdade e atualidade, a BBC, ao migrar para o sistema televisivo, já tinha um jornalismo consolidado que lhe permitiu sobreviver ao longo dos anos quando surgiu a concorrência com outras emissoras de televisão. Esses valores estavam distantes de uma busca pela aprovação governamental para o enquadramento dos assuntos cobertos⁶, postura que rendeu à BBC fortes pressões governamentais e ameaças de fechamento que se intensificaram no governo rígido de Margareth Thatcher, que pretendia fazer da emissora um fórum de divulgação das ações do governo.

Como o partido Conservador permaneceu no poder durante mais de vinte anos, não havia outra versão dos fatos que pudessem fazer oposição à política de Margareth Thatcher, papel que acabou caindo nas mãos da BBC. Assim, se por um lado Thatcher esperava um alinhamento por parte da emissora e a negação das vozes dissidentes, ameaçando tirar a concessão da BBC e cortar seu financiamento, por outro, a BBC esperava desenvolver um serviço público que pudesse dar visibilidade às várias camadas sociais e às várias versões dos fatos, nesta época representadas pelo IRA e pelos adversários da Inglaterra no conflito das Malvinas. Para a primeira-ministra inglesa, dar voz ao IRA e aos protestantes radicais da Irlanda do Norte era um ataque direto à sua autoridade e uma atitude desleal.

Apesar da permanente pressão exercida por Margareth Thatcher ameaçando desregular a BBC, a emissora não adotou uma política partidária e manteve o

⁶ Como não contava com a direção de representantes dos partidos que ocupavam o poder no Reino Unido e por conta da política de John Reith de distanciar-se da influência política, houve uma discussão na Inglaterra que questionava como o governo poderia continuar financiando a emissora se ela entrevistava e dava voz a pessoas contrárias ao governo? Como ela poderia continuar se mantendo como um serviço público mantendo essa forma de imparcialidade que mostrava os dois lados? Assim, a BBC apoiou-se no conceito de interesse público: seu papel era informar a população e isso lhe garantiu credibilidade.



princípio de construir a realidade social a partir do acesso às diversas versões dos fatos, a fim de fornecer uma perspectiva ampla acerca dos acontecimentos. A busca pelas vozes dissidentes com o objetivo de lhe garantir espaço midiático ficou evidente recentemente na cobertura das manifestações dos imigrantes ilegais que se constituem na força de trabalho dos Estados Unidos, feita pelo telejornal *BBC News*. No dia 1º/05/06, milhares de trabalhadores imigrantes foram às ruas nos Estados Unidos para reivindicar do governo Bush uma postura mais incisiva da regulamentação de sua situação, em sua maioria latino-americanos. A ênfase das matérias (esse assunto foi abordado três vezes no telejornal da BBC) foi na importância dos trabalhadores ilegais para a economia norte-americana. Para falar sobre o assunto, a BBC acionou seu correspondente em Washington que também é imigrante, o que fica claro no sotaque. Com isso, podemos observar que, apesar das diversas modificações sofridas internamente pela BBC, ela se manteve firme às premissas do jornalismo estabelecidas desde os tempos do rádio e persistiu em se firmar como um serviço público independente politicamente.

Jornalismo da Globo: serviço público com alinhamento político

Ao contrário do Reino Unido, a TV brasileira nasceu comercial e voltada para um público massivo, sem uma preocupação em educar a população, mas sim em entreter a audiência, o que justifica a quantidade de telenovelas enlatadas e programas de auditório que marcaram o início da nossa televisão. Com o auxílio de recursos financeiros, de equipamentos e de pessoal do grupo norte-americano *Time-Life*, a Rede Globo de Televisão emergiu com grande força no cenário nacional em 1965, para concorrer com as já estabelecidas TV Tupi (a pioneira criada por Assis Chateaubriand) e TV Excelsior.

Ao contrário da BBC, a Globo teve outra postura frente ao governo federal. O fato de ser uma concessão pública não levou à busca pela imparcialidade política, mas a uma adesão ao governo militar vigente no período em que a rede nasceu e se firmou no cenário nacional. Por isso o jornalismo da Globo assumiu um tom de porta-voz oficial do governo federal, sob o pretexto de temer a forte censura imposta pelo regime militar. Entretanto, após o período de declínio da ditadura, a Globo continuou como porta-voz do governo, mostrando as decisões dos representantes do estado e, muitas vezes, se colocando ao lado deles na defesa de suas metas e planos.

Isso ilustra o tipo de vigilância que a Rede Globo pretende exercer. Sendo a vigilância um valor do jornalismo dentro do qual ele deve atuar, a Central Globo de Jornalismo não pode (nem quer) prescindir dessa premissa, então ela busca na constante abordagem da agenda presidencial uma forma de dizer à audiência que está fiscalizando o poder político e rastreando suas decisões. Concordamos com Afonso de Albuquerque (1999) quando afirma que, no Brasil, aquilo que é conhecido como “quarto poder” assemelha-se a um “poder moderador”, reivindicando autoridade para colocar um poder contra o outro a fim de manter a ordem pública e a estabilidade. Para o autor, a relação entre a imprensa e o Poder Executivo, por exemplo, é marcada por uma postura que geralmente caracterizada como governista, colocando-se ao lado do governo para apoiar suas ações. Por isso, é possível perceber o esforço que o jornalismo faz em divulgar a agenda presidencial, os discursos feitos pelos governantes, as decisões tomadas. Entretanto, essa postura a favor do governo pode ser facilmente contrariada quando ele quebra com a idéia de estabilidade que o jornalismo aspira construir. Foi essa postura de “vigilância moderada” que angariou à Globo questões controversas, como a cobertura das Diretas Já (1985) e do debate presidencial entre Fernando Collor e Luís Inácio Lula da Silva (1989).

Para construir uma posição de autoridade que lhe outorgue promover esse tipo de jogo (oscilando entre a postura governista e acusadora quando os representantes agem contrariamente à estabilidade), a Globo assume o ideal de objetividade como um referencial para tratar desses assuntos a partir de “visão neutra” acerca dos fatos, evitando os comentários e localizando-os em momentos e espaços específicos dos programas. Os apresentadores, figuras que funcionam como porta-vozes da instituição, não emitem opinião direta quando estão relatando os acontecimentos, deixando a opinião reservada para os comentaristas especializados, tais como Alexandre Garcia e Franklin Martins (que comentam sobre política), Miriam Leitão (economia), Tadeu Schmidt (esportes) e Arnaldo Jabor (cronista que aborda assuntos diversos mas, principalmente, a política). No *Bom Dia Brasil*, telejornal matinal da emissora, esses personagens têm um lugar central, dialogando com os apresentadores e procurando fornecer ao telespectador uma avaliação mais ampla dos fatos do dia anterior para que ele saia de casa com um panorama das repercussões dos acontecimentos e o que se pode esperar deles. No *Jornal Hoje* (vespertino) esses personagens não aparecem. No *Jornal*



Nacional (horário nobre) e no *Jornal da Globo* (final da noite), os especialistas não aparecem com regularidade, apenas quando há algum assunto que a emissora entenda que deva receber uma versão mais ampla.

Como dissemos anteriormente, essa tentativa de afastar a opinião dos fatos (característica do jornalismo impresso do século XIX) é personificada pelos apresentadores que, no início do telejornalismo, tinham mais a função de locutores, agindo como ventríloquos (Verón, 1983) do discurso da emissora. Ainda que eles comentem os assuntos um com o outro (como ocorre no *Jornal Hoje*, em que Sandra Annenberg e Evaristo Costa fazem breves comentários sobre os VTs, mas não buscam um aprofundamento das notícias), eles o fazem num momento específico após a exibição da matéria. Apesar de não usar a opinião, ou avaliação direta dos mediadores, o *Jornal Nacional* parece muito parcial por conta das expressões faciais dos apresentadores. Assim, a piscadela de Fátima Bernardes, o olhar de reprovação de Bonner, as expressões de dúvidas, o tom da voz, tudo isso ajuda a construir um sentido acerca da opinião do telejornal sobre os eventos⁷. Os olhares de reprovação não estão associados aos apresentadores exatamente, mas à instituição – o *Jornal Nacional* – que eles representam.

Parte das características do jornalismo da emissora se relacionam com a própria noção de “jornal nacional”. Os avanços tecnológicos da transmissão via satélite, que permitia uma transmissão em rede, bem como o alinhamento aos interesses do governo militar vigente de promover a unidade nacional, levaram à formação do principal produto jornalístico da Globo, o *Jornal Nacional*, o primeiro a conceber notícias para o país inteiro. Isso é relevante porque foi a base que estabeleceu uma das principais premissas do jornalismo da Globo: prestar um serviço público que interesse a todos os brasileiros. Assim, a temática do *Jornal Nacional*, bem como a abordagem dos assuntos deveria se deslocar de um local geográfico marcado e buscar uma abordagem mais ampla que possa interessar a todo o país. “Seu João”, “Dona Maria” e “Seu José” são personagens que corporificam os assuntos abordados pelos telejornais buscando criar uma proximidade com o telespectador que está em casa. A humanização do relato é o recurso

⁷ Em outro momento, já caracterizamos essa característica dos apresentadores do *Jornal Nacional* como intérpretes das notícias (Silva, 2005).



mais apropriado para construir essa relação, já que toma a vida de um brasileiro como o todo da relação.

Ao longo de sua história, os telejornais da Globo primaram pela qualidade técnica, indicando uma preocupação com a premissa da clareza da informação. A fim de ordenar o complexo mundo em que vivemos, a Globo, mais especificamente, o *Jornal Nacional*, se apropriou da linguagem televisiva como forma de tornar os assuntos mais claros para o telespectador. No momento de surgimento do *Jornal Nacional*, em 1969, havia uma preocupação da rede em se firmar no cenário (ainda incipiente) das emissoras de TV no Brasil e, assim, iniciar uma trajetória de legitimação pública. O *Jornal Nacional*, principal veículo jornalístico da Globo, surgiu para concorrer com o *Repórter Esso*, telejornal formado no rádio e exibido na TV pela Tupi. O *Repórter Esso* era, na década de 60, o principal telejornal do país, transmitido para várias capitais. Para concorrer com o noticiário já consolidado, o *Jornal Nacional* apostou na qualidade técnica e na apropriação da linguagem televisiva. É assim que surge o “padrão Globo de qualidade” que acabou se confundindo com um padrão de telejornalismo no Brasil. Assim, para cumprir seu papel social de informar todos os brasileiros, independente da idade, classe social ou nível de escolaridade, o *Jornal Nacional* (e os demais acompanham essa diretriz) investe em recursos gráficos, mapas, trilhas sonoras, selos, cores, enfim, recursos que pudessem fazer os assuntos mais “áridos” serem compreendidos pela audiência.

O esforço por manter a clareza da transmissão das notícias também se manifesta na busca por uma boa apuração. Uma das premissas do jornalismo que a Globo procura evidenciar por meio de seus apresentadores e repórteres é a apuração da notícia, principalmente nas matérias em que se assume maior relevância pública, ou seja, aquelas que estão relacionadas a denúncias de fraudes envolvendo políticos e instituições públicas. Expressões como “nossa equipe procurou...”, “... deu uma entrevista exclusiva para a equipe do jornal ...”, “imagens exclusivas do acidente, você vê aqui” mostram o compromisso da emissora com a boa apuração, o que lhe garante maior credibilidade.

A qualidade de apuração surgiu no telejornalismo da Globo no momento em que a emissora sofreu um incêndio, o que levou as instalações do jornalismo saírem do Rio de



Janeiro para São Paulo. Politicamente, o país passava por um momento de maior abertura política e menor restrição do jornalismo, o que levou à profissionalização do telejornalismo da Globo. É interessante observar que esse momento de profissionalização – como se fosse o divisor de águas para um jornalismo sério – contou com a presença de profissionais vindo do jornalismo impresso. Assim, a seriedade jornalística que o jornalismo da Globo aspirava estava associada aos métodos de construção das notícias impressas. “Então, naquela época, recorreu-se à imprensa escrita, a jornalistas preocupados com a apuração, com a integridade da notícia. Achávamos que era o que faltava à televisão. A gente lutava muito contra a superficialidade do veículo” (Dante Matiussi, JORNAL NACIONAL, p. 79). A cobertura das greves dos metalúrgicos do ABC e das rebeliões do presídio de Jacareí em São Paulo foi o grande marco que consolidou a profissionalização que o jornalismo da emissora sofria. A qualidade da apuração era vista sobretudo por meio da imagem: havia um esforço nítido do JN em mostrar as imagens dos acontecimentos e legitimar a figura do repórter como uma testemunha ocular dos fatos aparecendo no vídeo em meio ao acontecimento, garantindo um efeito de verdade. O repórter Carlos Nascimento e o cinegrafista Reynaldo Cabrera se colocaram na frente do tiroteio ocorrido no presídio e registraram tudo que acontecia. Essa cobertura lhes garantiu o Prêmio Wladimir Herzog de Anistia e Direito Humanos.

Considerações finais:

Neste momento, gostaríamos de retomar alguns aspectos importantes sobre as premissas do jornalismo e mostrar mais diretamente o modo como a Globo e a BBC lidam com as premissas do jornalismo. O primeiro aspecto que gostaríamos de salientar é o *serviço público*, que no telejornalismo britânico se traduziu num distanciamento político para não se comprometer com uma perspectiva enviesada dos acontecimentos assumindo uma postura neutra, em busca de versões diferenciadas dos fatos, enquanto no Brasil houve o movimento oposto: alinhamento político para evitar entrar em confronto com o governo militar. Acreditamos que a postura da TV Globo com relação ao governo militar não foi uma fuga da censura imposta aos meios de comunicação no período, mas uma opção editorial que usou a censura como pretexto para justificar sua opção, como fica claro no livro institucional “Jornal nacional: a notícia faz história”.

A partir da concepção de serviço público, um desdobramento direto é o modo como as emissoras lidam com a função de *vigilância* e “*quarto poder*”, idéias que expressam a relação com o poder político e com a função social de servir ao *interesse público*. Assim, a BBC, por sua postura *objetiva*, se legitima como autoridade para tratar das questões relacionadas ao governo sem assumir diretamente uma política partidária. Os assuntos considerados pela BBC como interesse público são assuntos ligados à política e economia, além dos problemas sociais. No caso da Globo, a idéia de vigilância está atrelada à divulgação da agenda presidencial e a postura governista a fim de contribuir com a criação da estabilidade política nacional. Ainda em busca dessa estabilidade, os assuntos pertinentes ao público são aqueles que afetam diretamente o cotidiano da audiência: mudança nas tarifas telefônicas, decisões sobre a previdência social, escândalos políticos, etc.

Uma quarta premissa que aparece de forma semelhante nas emissoras é o conceito de *verdade*, que no caso da BBC se manifesta pelo trabalho dos jornalistas de aprofundar o máximo possível as informações, buscando “o que está por trás” das falas dos entrevistados. A busca pela verdade, na Globo, também se manifesta por meio da apuração da notícia, mas aqui está mais ligada ao uso da imagem como forma de mostrar o que realmente aconteceu. O valor que a Globo dá aos seus repórteres e o fato de os colocarem no “local onde as coisas acontecem”, ainda que não esteja acontecendo nada no momento⁸, é uma garantia de legitimação. No caso da Globo, essa relação com a verdade procura promover um distanciamento das opiniões diretas dos mediadores, que se colocam *objetivamente*, como porta-vozes da instituição. A verdade das informações também está ligada à *clareza* com que os assuntos são abordados, utilizando recursos da linguagem televisiva (gráficos, mapas, som, recursos de edição, etc) para apresentar as notícias de uma forma ordenada e lógica para os telespectadores.

A *atualidade* também é uma premissa que aparece de forma semelhante nas duas emissoras, que usam um aparato técnico para transmitir as informações no momento em que elas acontecem.

⁸ Muitas vezes, o repórteres da Globo entram ao vivo nos programas para falar sobre certo assunto, mas não está acontecendo nada no local. Isso fica claro no Jornal da Globo quando traz a repórter Delis Ortiz falando de Brasília, na frente da Esplanada dos Ministérios ou do Congresso, que já encerrou suas atividades no horário de transmissão do telejornal. Mas mostrar a imagem ao fundo significa que o repórter esteve no local das decisões políticas e por isso tem credibilidade para tratar os assuntos.



Essa análise evidencia que o jornalismo é fruto de uma construção histórico-social que iniciou na segunda metade do século XIX, mas que se modifica em função de tensões sofridas pelo campo. Por isso, não podemos assumir o jornalismo como dado, mas sim como um processo culturalmente construído. Nosso objetivo foi mostrar, por meio dessa breve análise, como esse ambiente cultural modifica a relação do jornalismo com suas premissas e apontamos, com isso, uma diretriz de análise para produtos jornalísticos.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Afonso de. Um outro quarto poder. Imprensa e compromisso político no Brasil In **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, vol. 1, dezembro de 1999.

CHALABY, Jean. O jornalismo como uma invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). In: **Media & Jornalismo**, Vol. 1, no 3, 2003, pp. 29-50. Capturado em http://revcom.portcom.intercom.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

ORNEBRING, Henrik. Televising the Public Sphere. Forty years of current affairs debate programmes on Swedish television, in **European Journal of Communication** Vol 18 (4), 2003, 501-527;

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**. Um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SEATON, Jean. Broadcasting history. in: CURRAN, James & SEANTON, Jean. **Power without responsibility**. The press, broadcasting and new media in Britain, 6a ed., London/ New York, Routledge, 2003, 107-234.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news**. A social history os american newspaper. New York: Basic Books Inc. Publishers, 1978.

TRAQUINA, Nelson. Quem vigia o quarto poder? In: **O estudo do jornalismo no século XX**, São Leopoldo/ RS, Editora Unisinos, 2003, 187-198.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, vol. 1, 2004, 224p. Florianópolis: Insular, vol. 2, 2005, 216p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.

VERÓN, Eliseo. Esta ahí lo veo, me habla. Tradução Maria Rosa Del Coto. In: **Enunciacion et cinema**, Revista Comunicativa, n. 38, Seul, Paris, 1983.